

Avanços e Desafios da Nutrição no Brasil 2

Alexandre Rodrigues Lobo
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2018

Alexandre Rodrigues Lobo
(Organizador)

Avanços e Desafios da Nutrição no Brasil 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A946 Avanças e desafios da nutrição no Brasil 2 [recurso eletrônico] /
Organizador Alexandre Rodrigues Lobo. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (Avanças e Desafios da Nutrição no
Brasil; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-94-9

DOI 10.22533/at.ed.949180212

1. Nutrição – Brasil. I. Lobo, Alexandre Rodrigues.

CDD 613.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A nutrição é uma ciência relativamente nova, mas a magnitude de sua importância se traduz na amplitude de áreas com as quais dialoga. No âmbito das ciências básicas, desde longínquos tempos, atribui-se o reflexo de sintomas provocados por deficiências nutricionais à diminuição no consumo de determinados alimentos. A integração da nutrição com outras disciplinas do campo das ciências da saúde proporcionou o entendimento dos processos fisiopatológicos e a identificação de marcadores bioquímicos envolvidos no diagnóstico das diferentes doenças carenciais. Mais recentemente, os avanços tecnológicos permitiram a elucidação dos complexos mecanismos moleculares ligados às diversas doenças crônicas, condição que elevou a nutrição a um novo patamar. Esses avanços também contribuíram para a identificação cada vez mais refinada de componentes dos alimentos com potencial bioativo e impactou diretamente o desenvolvimento de produtos alimentares.

Aliado ao conhecimento dos efeitos biológicos individuais dos diversos componentes dos alimentos, cabe salientar a importância de uma visão integral do alimento, tanto do ponto de vista químico, se considerarmos, por exemplo, a influência do processamento sobre a bioacessibilidade desses componentes nas diferentes matrizes, mas também sob o aspecto humanístico do alimento, em toda a sua complexidade, considerando diferentes níveis, como o cultural, social, ideológico, religioso, etc. Merecem destaque, também, os avanços políticos traduzidos pela institucionalização das leis de segurança alimentar e nutricional e a consolidação do direito humano à alimentação adequada, que trouxeram perspectivas sociais e econômicas para o campo da saúde coletiva no país.

A presente obra *Avanços de Desafios da Nutrição no Brasil 2* publicada no formato e-book, traduz, em certa medida, este olhar multidisciplinar e intersetorial da nutrição. Foram 32 artigos submetidos de diferentes áreas de atuação, provenientes de instituições representativas das várias regiões do país: alimentação coletiva, ensino em nutrição, nutrição e atividade física, nutrição clínica, saúde coletiva, tecnologia, análise e composição de alimentos e produtos alimentares. Assim, o livro se constitui em uma interessante ferramenta para que o leitor, seja ele um profissional, estudante ou apenas um interessado pelo campo das ciências da nutrição, tenha acesso a um panorama do que tem sido construído na área em nosso país.

Alexandre Rodrigues Lobo

SUMÁRIO

SAÚDE COLETIVA

CAPÍTULO 1 1

ALEITAMENTO MATERNO: CONHECIMENTOS DE PUÉRPERAS USUÁRIAS DA MATERNIDADE DE UM HOSPITAL FILANTRÓPICO DE MACAÉ/RJ

Duanny de Sá Oliveira Pinto
Lidiani Christini dos Santos Aguiar
Thainá Lobato Calderoni
Yasmim Garcia Ribeiro
Isabella Rodrigues Braga
Juliana Silva Pontes
Maria Fernanda Larcher de Almeida
Jane de Carlos Santana Capelli

DOI 10.22533/at.ed.9491802121

CAPÍTULO 2 11

ALIMENTAÇÃO DE COLETIVIDADES NOS GRUPOS DE PESQUISA E PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO NO BRASIL

Flávia Milagres Campos
Fabiana Bom Kraemer
Shirley Donizete Prado

DOI 10.22533/at.ed.9491802122

CAPÍTULO 3 27

A RELAÇÃO DE PRODUÇÃO E TIPOS DE SAFRAS DE FEIJÃO COM A DESNUTRIÇÃO DE CRIANÇAS NO MUNICÍPIO DE ITAPEVA/SP

Denize Palmito dos Santos
Kelly Pereira de Lima
Julio Cezar Souza Vasconcelos
Samuel Dantas Ribeiro
William Duarte Bailo
Letícia Benites Albano
Cassiana Cristina de Oliveira
Juliano Souza Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.9491802123

CAPÍTULO 4 38

ASSOCIAÇÃO ENTRE OS MOTIVOS PARA PRÁTICA DE ESPORTE E A QUALIDADE DE VIDA RELACIONADA À SAÚDE DE ATLETAS ESCOLARES DO IFMS

Guilherme Alves Grubert
Timothy Gustavo Cavazzotto
Arnaldo Vaz Junior
Mariana Mouad
Helio Serassuelo Junior

DOI 10.22533/at.ed.9491802124

CAPÍTULO 5 46

AVANÇOS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Ana Luiza Sander Scarparo

DOI 10.22533/at.ed.9491802125

CAPÍTULO 6	65
BOAS PRÁTICAS DA AGRICULTURA FAMILIAR PARA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR: AÇÕES RECONHECIDAS E PREMIADAS PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO	
<i>Lilian Córdova Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9491802126	
CAPÍTULO 7	69
CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS NA ALIMENTAÇÃO DE ESCOLARES NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE - PE	
<i>Ana Paula Pires de Melo</i>	
<i>Catarine Santos da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9491802127	
CAPÍTULO 8	77
CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR: UMA REVISÃO DA LITERATURA	
<i>Alda Maria da Cruz</i>	
<i>Catarine Santos da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9491802128	
CAPÍTULO 9	87
CONVERSANDO COM AS MULHERES DA PASTORAL DA CRIANÇA	
<i>Juliana Santos Marques</i>	
<i>Ramon Simonis Pequeno</i>	
<i>Arlete Rodrigues Vieira de Paula</i>	
<i>Ana Claudia Peres Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9491802129	
CAPÍTULO 10	94
CORRELAÇÃO DE INDICADORES ANTROPOMÉTRICOS EM FUNCIONÁRIOS DO SETOR HOTELEIRO	
<i>Marília Cavalcante Araújo</i>	
<i>Anna Carolina Sampaio Leonardo</i>	
<i>Clarice Maria Araújo Chagas Vergara</i>	
<i>Christiane Maria Maciel de Brito Barros</i>	
<i>Ingrid Maria Portela Sousa</i>	
<i>Wilma Stella Giffoni Vieira Baroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.94918021210	
CAPÍTULO 11	102
EFEITOS DA EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL SOBRE O COMPORTAMENTO ALIMENTAR E A QUALIDADE DA DIETA DE INDIVÍDUOS IDOSOS: UM ENSAIO CLÍNICO ABERTO	
<i>Cássia Regina de Aguiar Nery Luz</i>	
<i>Ana Lúcia Ribeiro Salomón</i>	
<i>Renata Costa Fortes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.94918021211	
CAPÍTULO 12	117
ELEVADA PREVALÊNCIA DE EXCESSO DE PESO EM TRABALHADORES DE UM HOTEL DE GRANDE PORTE EM PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL	
<i>Christy Hannah Sanini Belin</i>	
<i>Priscila Oliveira da Silva</i>	
<i>Aline Petter Schneider</i>	

Fabíola Silveira Regianini

DOI 10.22533/at.ed.94918021212

CAPÍTULO 13 128

ESTADO NUTRICIONAL E LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL JUNTO A CRIANÇAS E ADOLESCENTES ATENDIDOS POR UMA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL

Jaqueline Néry Vieira de Carvalho

Sabrina Daniela Lopes Viana

Márcia Dias de Oliveira Alves

Clícia Graviel Silva

Elena Yumi Gouveia Takami

Erica Yukiko Gouveia Takami

Eunice Barros Ferreira Bertoso

DOI 10.22533/at.ed.94918021213

CAPÍTULO 14 141

ESTADO NUTRICIONAL E NÍVEL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL DE MORADORES DE UMA OCUPAÇÃO NA ZONA SUL DE SÃO PAULO

Ellen Helena Coelho

Kenia Máximo dos Santos

Sabrina Daniela Lopes Viana

DOI 10.22533/at.ed.94918021214

CAPÍTULO 15 153

EXCESSO DE PESO EM ADULTOS NO MUNICÍPIO DE MACEIÓ/AL EM 2016: UMA ANÁLISE DO SISTEMA DE VIGILÂNCIA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

Adriana Toledo de Paffer

Kelly Walkyria Barros Gomes

Elisângela Rodrigues Lemos

Yana Aline de Moraes Melo

Nassib Bezerra Bueno

Amália Freire de Menezes Costa

Fernanda Geny Calheiros Silva

Amanda de Araujo Lima

DOI 10.22533/at.ed.94918021215

CAPÍTULO 16 162

FATORES QUE CONDICIONAM O CONSUMO E A QUALIDADE DO DESJEJUM E SUA ASSOCIAÇÃO COM O ÍNDICE DE MASSA CORPORAL DE ESTUDANTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DE SALVADOR-BA

Eliane dos Santos da Conceição

Milena Torres Ferreira

Mariana Pereira Santana Real

Wagner Moura Santiago

Mírian Rocha Vázquez

DOI 10.22533/at.ed.94918021216

CAPÍTULO 17 170

INTRODUÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE UM PROJETO EXTENSIONISTA EM DOIS EVENTOS DO CAMPUS UFRJ-MACAÉ

Caroline Gomes Latorre

Hugo Demésio Maia Torquato Paredes

Patrícia da Silva Freitas

Naiara Sperandio

Luana Silva Monteiro

Alice Bouskelá
Fernanda Amorim de Moraes Nascimento Braga
Jane de Carlos Santana Capelli

DOI 10.22533/at.ed.94918021217

CAPÍTULO 18 181

MUDANÇAS DA CAPACIDADE FUNCIONAL DE IDOSOS ATIVOS E INSTITUCIONALIZADOS

Matheus Jancy Bezerra Dantas
Tháisa Lucas Filgueira Souza Dantas
Genival Caetano Ferreira Neto
Luiz Victor da Silva Costa
Mike Farias Xavier
Igor Conterato Gomes

DOI 10.22533/at.ed.94918021218

CAPÍTULO 19 196

OFICINA CULINÁRIA COMO ESTRATÉGIA NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL

Diene da Silva Schlickmann
Ana Carolina Lenz
Tais Giordani Pereira
Maria Assmann Wichmann

DOI 10.22533/at.ed.94918021219

CAPÍTULO 20 203

OS HÁBITOS ALIMENTARES DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE NUTRIÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE DO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

Cristiana Schenkel
Vivian Polachini Skzypek Zanardo
Cilda Piccoli Ghisleni
Roseana Baggio Spinelli
Gabriela Bassani Fahl

DOI 10.22533/at.ed.94918021220

CAPÍTULO 21 217

PERFIL DE FREQUENTADORES E PROPRIETÁRIOS DE FOOD TRUCKS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Suellen Teodoro Santos
Cristiane Hibino
Sabrina Daniela Lopes Viana

DOI 10.22533/at.ed.94918021221

CAPÍTULO 22 231

PREVALÊNCIA DE EXCESSO DE PESO E SUA ASSOCIAÇÃO COM O CONSUMO ALIMENTAR EM CRIANÇAS DE UMA CRECHE PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE RIO DAS OSTRAS

Aline Valéria Martins Pereira

DOI 10.22533/at.ed.94918021222

CAPÍTULO 23 249

QUALIDADE DA DIETA DE ESCOLARES DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Bárbara Grassi Prado
Patrícia de Fragas Hinnig
Maria do Rosário Dias de Oliveira Latorre

DOI 10.22533/at.ed.94918021223

TECNOLOGIA, ANÁLISE E COMPOSIÇÃO DE ALIMENTOS E PRODUTOS ALIMENTARES

CAPÍTULO 24 256

CARACTERIZAÇÃO MICROBIOLÓGICA E CENTESIMAL DE UMA BARRA DE CEREAL ISENTA DE GLUTEN ELABORADA COM APROVEITAMENTO DA CASCA DE LARANJA (*CITRUS SINENSIS*)

Silvana Camello Fróes
Kátia Eliane Santos Avelar
Maria Geralda de Miranda
Carla Junqueira Moragas
Djilaina de Almeida Souza Silva
Fabiane Toste Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.94918021224

CAPÍTULO 25 271

DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO SENSORIAL DE BISCOITO ISENTO DE GLÚTEN E COM ADIÇÃO DE FARINHA DA CASCA DA BANANA VERDE

Leila Roseli Dierings Dellani
Karen Jaqueline Kurek
Lígia de Carli Pitz
Nathália Camila Dierings Desidério

DOI 10.22533/at.ed.94918021225

CAPÍTULO 26 279

DETERMINAÇÃO DA QUALIDADE DOS ÓLEOS DE FRITURA EM ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS DE MACEIÓ-AL

Karoline de Souza Lima
Thaise Madeiro de Melo Magalhães
Daniela Cristina de Araújo
Jadna Cilene Pascoal
Mayra Alves Mata de oliveira
Mirelly Raylla da Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.94918021226

CAPÍTULO 27 287

DETERMINAÇÃO DE COMPOSTOS FENÓLICOS E AVALIAÇÃO DA CAPACIDADE ANTIOXIDANTE DA PITANGA E DA ACEROLA PÓS-PROCESSAMENTO NA FORMA DE SUCO

Patrícia Weimer
Rochele Cassanta Rossi
Aline Cattani
Chayene Hanel Lopes
Juliana De Castilhos

DOI 10.22533/at.ed.94918021227

CAPÍTULO 28 298

EFEITO DA ESTOCAGEM NO CONTEÚDO DE POLIFENÓIS E NA ATIVIDADE ANTIOXIDANTE DE SUCOS DE AMORA E DE FRAMBOESA

Aline Cattani
Rochele Cassanta Rossi
Patrícia Weimer
Natália Führ Braga
Juliana De Castilhos

DOI 10.22533/at.ed.94918021228

CAPÍTULO 29 311

FARINHA DE SEMENTE DE ABÓBORA (*Cucurbita maxima*) COMO POTENCIAL ANTIOXIDANTE NATURAL

Márcia Alves Chaves
Denise Pastore de Lima
Ilton Jose Baraldi
Letícia Kirienco Dondossola
Keila Tissiane Antonio

DOI 10.22533/at.ed.94918021229

CAPÍTULO 30 321

PERFIL DOS MEDICAMENTOS FITOTERÁPICOS MAIS COMERCIALIZADOS EM UMA FARMÁCIA MAGISTRAL EM BELÉM-PA

Michele de Freitas Melo
Rafaela Mendes Correa
Jennifer Aguiar Paiva
Valéria Marques Ferreira Normando
Nathália Cristine da Silva Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.94918021230

CAPÍTULO 31 328

PRODUÇÃO DE CATCHUP UTILIZANDO FRUTAS VERMELHAS

Rafael Resende Maldonado
Ana Júlia da Silva Oliveira
Ana Júlia Santarosa Oliveira
Rebeca Meyhofer Ferreira
Daniele Flaviane Mendes Camargo
Daniela Soares de Oliveira
Ana Lúcia Alves Caram

DOI 10.22533/at.ed.94918021231

CAPÍTULO 32 342

QUALIDADE TECNOLÓGICA, NUTRICIONAL E FUNCIONAL DE SORVETE ARTESANAL DE LIMÃO SICILIANO ELABORADO COM AZEITE DE OLIVA EXTRA-VIRGEM COMO PRINCIPAL INGREDIENTE LIPÍDICO

Lilia Zago
Roberta Monteiro Caldeira
Camila Faria Lima
Carolyne Pimentel Rosado
Ana Claudia Campos
Nathália Moura-Nunes

DOI 10.22533/at.ed.94918021232

SOBRE O ORGANIZADOR..... 359

ALIMENTAÇÃO DE COLETIVIDADES NOS GRUPOS DE PESQUISA E PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO NO BRASIL

Flávia Milagres Campos

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Nutrição
Rio de Janeiro - RJ

Fabiana Bom Kraemer

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Nutrição
Rio de Janeiro - RJ

Shirley Donizete Prado

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Nutrição
Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: O propósito desse trabalho foi analisar as condições de desenvolvimento da pesquisa científica do núcleo de saberes e práticas da Alimentação de Coletividades dentro do campo científico da Alimentação e Nutrição no Brasil. Foi realizada uma aproximação com seu cenário, a partir de programas de pós-graduação *stricto sensu* e suas respectivas linhas de pesquisa, bem como dos grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa. O conceito de campo científico de Pierre Bourdieu fundamentou a discussão dos resultados. Foram identificados 32 programas de pós-graduação *stricto sensu*, pertencentes à grande área “Ciências da Saúde”, área de avaliação “Nutrição”. Destes identificou-se dois programas com linhas de pesquisa que

descrevem a Alimentação de Coletividades como objeto. Destaca-se que entre 2000 e 2017 houve expressivo aumento (57%) no número de grupos de pesquisa voltados à Alimentação de Coletividades, embora concentrado nas regiões Sudeste e Sul do país. Nota-se que 57% dos grupos identificados foram criados após 2010. Se por um lado, os resultados expõem a limitada inserção do núcleo da Alimentação de Coletividades na pós-graduação *stricto sensu*, por outro, o crescimento no número de grupos de pesquisa que se ocupam desse objeto dá sinal de que tem havido investimento dos agentes desse núcleo na pesquisa. Esses achados são discutidos a partir do entendimento de que se inserem em um cenário de condições e regras que se estabelece a partir do resultado de disputas no campo científico, num jogo de forças materiais e simbólicas.

PALAVRAS-CHAVE: Produção de Refeições. Conhecimento. Produção Científica. Alimentação Coletiva. Ciência.

ABSTRACT: The purpose of this study was to analyze the development conditions of scientific research of the Food Service core of knowledge and practices within the field of Food and Nutrition in Brazil. Thus, an approximation to this scenario was conducted from graduate programs, their respective research lines, as well as research groups registered in the

Directory of Research Groups. The analysis is particularly anchored in the concepts of scientific field of Pierre Bourdieu. We identified 32 *Stricto Sensu* Graduate Programs in Nutrition evaluation area. Among the results, it could be highlighted that two programs have research lines that describe the Food Service as object. Between 2000 and 2017 there was a significant increase (57%) in the number of research groups focused on the Food Service, although concentrated in the Southeast and South regions of the country. It was noted that 57% of the groups identified were created after 2010. If, on the one hand, the results expose the limited insertion of the core of Food Service in the *Stricto Sensu* Graduate Programs in Nutrition, on the other, the growth in the number of research groups that deal with this object shows that there has been investment of the agents in research. These findings are discussed from the understanding that they are part of a scenario of conditions and rules that is established from the result of disputes in the scientific field, in a game of material and symbolic forces.

KEY-WORDS: Meal production. Knowledge. Scientific production. Food Service. Science.

1 | INTRODUÇÃO

Esse texto traz uma atualização de parte dos dados que foram publicados pelos autores em um artigo intitulado “Food Service Research Scenario in Brazil” (CAMPOS et al., 2017) e assim, retoma parte da discussão proposta com o intuito de amadurecê-la, ao mesmo tempo que permite um acompanhamento temporal da movimentação referente à pesquisa científica e formação pós-graduada da Alimentação de Coletividades.

O que ora chamamos de Alimentação de Coletividades refere-se a um núcleo de saberes e práticas (CAMPOS, 2000) do campo científico da Alimentação e Nutrição, que trata da produção e do fornecimento de refeições aos mais diversos grupos de pessoas e tem na cozinha industrial seu *locus* privilegiado de ação. Em outras palavras, considerando as práticas e a formação profissional, esse núcleo emprega os conhecimentos dietéticos, especialmente para o planejamento de cardápios, e ferramentas conceituais e técnicas próprias do campo da Administração, para o planejamento e organização da produção de refeições e gestão do trabalho nessas cozinhas, também conhecidas como Unidades de Alimentação e Nutrição (UAN). A título de exemplo, referimo-nos a instituições públicas ou privadas que oferecem refeições aos seus funcionários, alunos, internos ou detentos em refeitórios próprios como hospitais, creches, escolas, asilos, penitenciárias, indústria (CFN, 2005). Além dos restaurantes comerciais, comissárias, *buffet* e lanchonetes.

Cabe assinalar que o emprego do termo Alimentação e Nutrição, para denominar o campo científico em questão, parte da perspectiva de seu caráter interdisciplinar, em que nutrientes, alimentos e comida entrelaçados às experiências humanas, de caráter biológico, psíquico e social, tornam-se objetos a serem estudados sob diferentes

perspectivas teórico-metodológicas. Nesse sentido, o campo abarca diversos núcleos que se constituem em espaços disciplinares e de práticas, que se expressam acadêmica, profissional e cientificamente.

Ainda que de forma mais tardia, o campo científico da Alimentação e Nutrição acompanhou o processo de crescimento que ocorreu na pós-graduação brasileira nos últimos anos, havendo inclusive a criação de uma área de avaliação específica na Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os programas de pós-graduação (PPG) *stricto sensu* em Nutrição, que nas décadas de 70 e 80 contavam com apenas 2 mestrados, se expandiram e, em 2018, registra-se 32 PPG ofertando 29 mestrados acadêmicos, 3 mestrados profissionais e 11 doutorados. Essa ampliação do número de programas, o amadurecimento da pesquisa nesse campo e a organização política dos coordenadores de PPG criaram condições para que, em 2011, passassem a compor uma nova área de avaliação, denominada ‘Nutrição’ pertencente à grande área “Ciências da Saúde”, deixando, então, a área de avaliação ‘Medicina II’ (KAC; PROENÇA; PRADO, 2011).

Assumindo, então, que o campo científico da Alimentação e Nutrição está em processo de consolidação, interessa-nos analisar e discutir a inserção do núcleo de saberes e práticas da Alimentação de Coletividades na pesquisa e na formação pós-graduada. A discussão proposta está ancorada na abordagem de Pierre Bourdieu (1983; 2004), que nos permite desvelar interesses, valores, estratégias e relações de poder envolvidos na produção científica, em consonância com a ideia de que não há uma ciência neutra ou de que o engajamento de pesquisadores se limita à busca pelo conhecimento. Entende-se, portanto, que as regras e as hierarquias, não estão naturalmente dadas, mas são constantemente estabelecidas a partir das disputas entre os pesquisadores e instituições no campo.

Dessa forma, o recorte empírico está situado: (1) no interior da pós-graduação *Stricto sensu* em Nutrição cadastrada junto à CAPES, uma fundação vinculada ao Ministério da Educação, que controla o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) e (2) nos grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que é uma agência do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) destinada ao fomento da pesquisa e à formação de recursos humanos. Na problematização dos achados, busca-se considerar o modelo de produção científica vigente no país e a forma de avaliação da sua qualidade, o que pode oferecer subsídios para melhor entender os critérios materiais que participam do processo de estabelecimento de hierarquias no campo e discutir os possíveis entraves a serem enfrentados pelos pesquisadores. Assim, antes de apresentar os resultados do levantamento realizado, consideramos apropriado descrever, ainda que sucintamente, as atuais condições e exigências institucionais da pesquisa no Brasil.

2 | PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

No Brasil, a produção de conhecimento científico está concentrada na universidade pública, especificamente nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, incentivada pela CAPES e recebendo, prioritariamente, apoio financeiro do CNPq, além do apoio regional por meio das Agências Estaduais de Amparo à Pesquisa. Não se pode negar que o trabalho dessas agências vem dando resultados, uma vez que a pós-graduação *stricto sensu* se expandiu sobremaneira, especialmente nas últimas décadas (CAPES, 2010).

Uma vez que a CAPES é responsável por recomendar e avaliar os cursos de pós-graduação *stricto sensu* e o CNPq por prestar apoio financeiro para a pesquisa, essas instâncias têm um papel fundamental na forma como o modelo de produção de conhecimento científico se estrutura objetivamente, a partir de procedimentos, regras e espaços reconhecidos como legítimos.

Os pesquisadores, por exemplo, se organizam em grupos de pesquisa institucionalmente reconhecidos, a fim de desenvolverem suas investigações, interagirem com outros grupos e instituições e submeterem seus projetos à apreciação das agências de fomento. Esses grupos estão registrados junto ao Diretório de Grupos de Pesquisa, que faz parte da Plataforma Lattes do CNPq e se constitui em um banco de informações sobre os recursos humanos constituintes dos grupos (pesquisadores, estudantes e técnicos), suas áreas de conhecimento, linhas de pesquisa e sua produção científica, tecnológica e artística (CNPQ, 2017).

Já a CAPES gerencia a plataforma Sucupira, que agrega informações sobre os programas de pós-graduação e serve de apoio na coleta de dados usados na avaliação dos programas. Além disso, a fundação mantém o Qualis, que segundo a própria CAPES “é o conjunto de procedimentos utilizados [...] para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação” (CAPES, 2016b). No Qualis, os periódicos usados pelos programas de pós-graduação para divulgação de sua produção científica nos últimos quatro anos são estratificados em oito categorias (A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C), de acordo com critérios estabelecidos por área de avaliação (atualmente há 49 áreas diferentes como: Nutrição, Educação ou Química).

A CAPES avalia os programas de pós-graduação tanto para abertura dos cursos, quanto para a sua permanência no sistema. Entre os itens avaliados quadrienalmente estão: proposta do programa; corpo docente; discentes, teses e dissertações; produção intelectual; inserção social. Cada área de avaliação estabelece os respectivos critérios de pontuação para cada um dos itens e assim os programas podem receber um conceito que varia de 1 a 7.

Não obstante a consolidação do SNPG e da pesquisa científica brasileira seja amplamente reconhecida, problemas vem sendo apontados, especialmente quanto à forma de avaliação e suas implicações. Uma crítica refere-se ao incentivo exagerado

à publicação de artigos. Castiel e Sanz-Valero (2007, p. 3043), ironicamente, falam de dois fenômenos que acontecem concomitantemente, o “publicacionismo” e o “citacionismo”; o primeiro aludindo à excessiva importância dada atualmente à publicação de artigos e o último à necessidade de citar e ser citado.

O incentivo exagerado ao aumento quantitativo de publicações pode ser considerado consequência da exigência de produtividade baseada em critérios estritamente quantitativos. Essa produtividade, transposta da atividade econômica para a atividade intelectual, baseia-se na relação da quantidade de produtos (especialmente artigos e patentes) que são gerados a partir de determinado projeto (LUZ, 2005). As práticas negativas que esse tipo de avaliação acaba incentivando têm sido citadas na literatura, como: (a) limitação dos temas investigados, já que é preciso pesquisar sobre temas que despertem o interesse de editores de periódicos de maior prestígio; (b) efeito salame, em que uma única pesquisa é dividida em várias partes a fim de gerar mais publicações; (c) autocitação, plágio e outros subterfúgios, como escambo autoral, para aumentar artificialmente o número de publicações; (d) aumento do viés de publicação de resultados positivos e retratação por erro ou fraude, devido à pressão por publicação em periódicos de alto impacto (CASTIEL; SANZ-VALERO, 2007; CAMARGO JR., 2013; LOVISOLO, 2014).

Somado a essas questões, a maior valorização das revistas internacionais nesse modelo de avaliação, também dificulta a publicação e valorização de trabalhos de interesse nacional ou local. Corre-se o risco destas temáticas, não menos importantes, sejam relegadas a segundo plano. O prestígio acadêmico dos pesquisadores é medido em função do número de trabalhos publicados em revistas internacionais, o que acaba delimitando também suas temáticas de investigação, uma vez que precisa pesquisar temas em consonância à conveniência internacional. (SANTOS, 2003).

Contudo, essa crítica ao formato de avaliação ancorado no volume de publicações nos periódicos de melhor reputação, passa antes por um questionamento mais profundo em relação às mudanças que vem ocorrendo não apenas em universidades brasileiras (SANTOS, 2010). Chaui (2003) fala da passagem da universidade pública como uma instituição social, cuja autonomia e legitimidade permite a existência de opiniões e projetos conflitantes em relação ao Estado e à sociedade dentro da universidade, para uma organização prestadora de serviços, que tem um objetivo particular e emprega meios administrativos para atingir esse objetivo, sem, no entanto, questioná-lo. Sobre como a pesquisa científica é delineada dentro dessa organização universitária, a autora expõe:

Numa organização, uma “pesquisa” é uma estratégia de intervenção e de controle de meios ou instrumentos para a consecução de um objetivo delimitado. [...] Numa organização, portanto, pesquisa não é conhecimento de alguma coisa, mas posse de instrumentos para intervir e controlar alguma coisa. [...] É evidente que a avaliação desse trabalho só pode ser feita em termos compreensíveis para uma organização, isto é, em termos de custo-benefício, pautada pela ideia de produtividade, que avalia em quanto tempo, com que custo e quanto foi produzido.

[...] Mas por que ela [a universidade] o faz? Porque está privatizada e a maior parte de suas pesquisas é determinada pelas exigências de mercado, impostas pelos financiadores. Isso significa que a universidade *pública* produz um conhecimento destinado à *apropriação privada* (CHAUI, 2003, p. 7).

Desta forma, a crítica à demonstração da produtividade pautada na quantidade e suposta qualidade das publicações (medida, em geral, por indicadores bibliométricos) e o seu uso para avaliar PPG e pesquisadores, não está isolada, mas inserida em um contexto de reflexões sobre as reformas neoliberais e a mercantilização da universidade, como apontado por Oliveira (2008).

Os aspectos aqui descritos são parte do cenário em que vem se produzindo conhecimento científico no Brasil e são de especial interesse nesse trabalho, pois olhar para a Alimentação de Coletividades neste contexto social implica em perceber as leis sociais mais ou menos específicas que regem o campo científico (BOURDIEU, 2004).

3 | O RECORTE EMPÍRICO

Foi realizada consulta junto a página eletrônica da CAPES (2018) quanto aos cursos de pós-graduação *stricto sensu* reconhecidos, pertencentes à grande área “Ciências da Saúde”, área de avaliação “Nutrição”. Foram visitadas as páginas eletrônicas dos programas que estavam disponíveis, para consulta das linhas de pesquisa, sendo montada uma listagem com todos os PPG, títulos das linhas de cada programa e respectivas descrições das linhas.

Primeiramente a busca por linhas de pesquisa nos PPG que tratassem da Alimentação de Coletividades foi realizada procurando identificar os seguintes termos entre os títulos e descrições das linhas: alimentação de coletividades, alimentação coletiva, produção de refeições, unidade(s) de alimentação e nutrição, alimentação institucional, serviço(s) de alimentação, restaurante, refeições. A seguir, buscando identificar linhas que pudessem abordar a Alimentação de Coletividades como objeto de estudo, ainda que não apresentassem nenhum dos termos usados na primeira triagem, foi realizada a leitura dos títulos e descrições de cada uma das linhas de pesquisa.

Para o levantamento dos grupos de pesquisa de interesse empregou-se a página eletrônica do DGP (CNPQ, 2018), que disponibiliza informações sobre os censos realizados nos anos de 2000, 2002, 2004, 2006, 2008 e 2010, além da base corrente. O levantamento foi realizado com base nos censos de 2000 a 2010 e nas bases correntes em 2013 e 2017. A busca foi realizada nos campos: nome do grupo, título da linha de pesquisa e palavras-chave da linha. Os termos utilizados na busca foram os mesmos descritos na busca relacionada às linhas de pesquisa.

4 | INSERÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO

Foram identificados 32 programas de pós-graduação *stricto sensu* reconhecidos pela CAPES, pertencentes à grande área “Ciências da Saúde”, área de avaliação “Nutrição”. No seu conjunto esses PPG oferecem 85 linhas de pesquisa, como pode ser observado no Quadro 1. Não foi possível obter a descrição das linhas de três programas (pertencentes à CUSC, UFV e UFF), porque não estavam disponíveis nas páginas eletrônicas dos PPG, o que corresponde a sete linhas de pesquisa cuja análise baseou-se apenas no seu título.

A partir da triagem inicial foram identificadas apenas duas linhas que se voltam à Alimentação de Coletividades. Uma delas é intitulada “Alimentos, Dietética e Bioquímica aplicada à Nutrição”, trazendo como descrição “Esta linha de pesquisa abrange estudos relacionados aos alimentos, nutrientes e compostos fitoquímicos, sob os aspectos físico-químico, bioquímico-molecular, microbiológico, sensorial e nutricional. Abrange ainda, estudos relacionados à gestão da produção de refeições”; esta linha pertence ao programa “Nutrição Humana” da Universidade de Brasília (UnB). A outra linha denomina-se “Nutrição em produção de refeições e comportamento alimentar”, cuja descrição é “Esta linha compreende estudos: (a) de Nutrição em Produção de Refeições considerando avaliação e proposição de sistemas de qualidade (nutricional, sensorial, higiênico-sanitária, regulamentar, simbólica e sustentabilidade) em processos produtivos comerciais e coletivos, atendendo populações diversas; (b) de diagnóstico do consumo de alimentos, qualidade da dieta, percepção do consumidor e segurança alimentar; (c) de avaliação de políticas e programas de alimentação e nutrição inerentes a estas temáticas e pertence ao programa “Nutrição” da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A leitura dos títulos e descrições das linhas não permitiu identificar outras que trouxessem de modo evidente a Alimentação de Coletividades como um dos focos de interesse. Contudo, é plausível considerar que pesquisas voltadas a esse núcleo de saberes e práticas são realizadas em outras linhas, que se voltam à temáticas que podem manter interface com a Alimentação de Coletividades como por exemplo: a análise de alimentos na perspectiva nutricional e higiênico-sanitária, a segurança alimentar e nutricional, as políticas públicas de alimentação ou as práticas e sentidos da alimentação sob abordagens sociológicas e antropológicas.

Ainda que essas pesquisas voltadas à Alimentação de Coletividades possam estar sendo realizadas de modo disperso pelos programas, o fato de não estarem retratadas nos títulos e descrições das linhas de pesquisa pode ser considerado indício da fraca influência desse núcleo na pós-graduação *stricto sensu* em Nutrição de modo geral.

Essa situação reflete também a organização do campo da Alimentação e Nutrição. Nesse sentido, a abordagem de Bourdieu, que considera o campo científico como espaço de concorrência entre pesquisadores (BOURDIEU, 2013) parece-nos fértil. No

campo científico, interessa a autoridade científica, capital simbólico, já que envolve o reconhecimento e o prestígio no universo acadêmico, o que garante ao pesquisador a legitimidade de falar e agir em nome da ciência (BOURDIEU, 1983; BOURDIEU, 2004). As disputas entre os agentes (pesquisadores, instituições) buscam, portanto, determinar (a) o que deve ser considerado legítimo e (b) as regras dessa disputa. Contudo, o campo não é o simples resultado das ações individuais dos agentes, uma vez que estas ações não são livres, estão condicionadas pela própria estrutura do campo (BOURDIEU, 1983; BOURDIEU, 2004). As disputas dependem dos recursos de cada agente, sendo, portanto, essencialmente desiguais, já que as condições de produção e acumulação de crédito científico não são uniformes.

Assim, é numa relação de interdependência que os condicionamentos materiais e simbólicos agem sobre os pesquisadores. Se a posição que um pesquisador ocupa no campo depende do volume de capital científico acumulado, por sua vez, o que pode ser considerado um produto que capitaliza é definido a todo momento no campo, de acordo com a articulação de sentidos que esses produtos podem assumir em cada momento histórico. Pensando no campo da *Alimentação e Nutrição*, poderíamos dizer que no momento atual há uma tendência de valorização da pesquisa científica e especificamente de alguns de seus produtos (a saber: artigos científicos e patentes) no cenário universitário brasileiro, tomados como critério essencial na acumulação de capital científico e na definição de autoridades do campo.

Hoje em dia a universidade pública está dividida na dicotomia ensino/pesquisa e esta última tem tido maior peso como instrumento de reconhecimento acadêmico (especialmente quando atende bem aos moldes estabelecidos pelas agências de fomento) (LUZ, 2005). Considerando essa relevância que a pesquisa, especialmente aquela vinculada à pós-graduação, vem assumindo nas universidades brasileiras e a limitada inserção da Alimentação de Coletividades nesse espaço, é possível admitir que os agentes ligados a esse núcleo tendem a apresentar menor capital científico que os demais.

Instituição	Programa de Pós-graduação	Linha de pesquisa
CUSC	Nutrição do nascimento à adolescência	Doenças da criança e do adolescente Saúde e qualidade de vida: do nascimento à adolescência
UFCSPA	Ciências da Nutrição	Nutrição Clínica e Experimental Epidemiologia e Nutrição Alimentos e Nutrição
UFS	Ciências da Nutrição	Nutrientes, compostos bioativos e controle de qualidade dos alimentos Saúde e nutrição de grupos populacionais
UnB	Nutrição humana	Nutrição e Saúde – dos indivíduos às coletividades Alimentos, Dietética e Bioquímica aplicada à Nutrição

Instituição	Programa de Pós-graduação	Linha de pesquisa
USP	Nutrição e Metabolismo	Nutrição e Saúde (NS) Abordagem Nutricional nas Doenças (AND)
	Nutrição humana aplicada	Aspectos Biológicos da Nutrição Humana Caracterização Química e Bioquímica de Compostos Alimentares Economia da Alimentação e da Nutrição Efeitos Metabólicos de Nutrientes e Compostos Bioativos de Alimentos Política de Segurança Alimentar e Nutricional Qualidade e Segurança de Alimentos
UERJ	Alimentação, nutrição e saúde	Adaptações fisiológicas e metabólicas: programação, nutrição e atividade física Determinantes individuais e contextuais do estado nutricional e seus impactos na saúde coletiva Políticas, saberes e práticas em alimentação, nutrição e saúde
UNISINOS	Nutrição e alimentos	Nutrição e Metabolismo Humano Qualidade e Inovação em Alimentos
UNICAMP	Ciências da Nutrição e do Esporte E Metabolismo	Ciências do Esporte aplicadas à modelos experimentais e humanos Sinalização Celular, Nutrientes e Saúde
UECE	Nutrição e Saúde	Diagnóstico e Intervenção em Nutrição e Saúde Estudos populacionais, Epidemiologia e Políticas Públicas Bases experimentais em Alimentos e Nutrição
UFBA	Alimentos, nutrição e saúde	Alimentação, Nutrição e Cultura
		Bases Experimentais e Clínicas da Nutrição
		Epidemiologia dos Distúrbios Nutricionais e Políticas Públicas
UFPB	Ciências da Nutrição	Vigilância de Alimentos e Saúde Análise e Controle de Qualidade de Alimentos Clínica e Epidemiologia Aplicada à Nutrição
UFAL	Nutrição	Nutrição em Saúde Pública - NSP (Antiga Epidemiologia dos Agravos Nutricionais)
		Bases Experimentais e Clínicas da Nutrição - BECN (Junção das antigas Análise de Alimentos e Segurança Alimentar + Nutrição e Desenvolvimento Fisiológico)
UFG	Nutrição e saúde	Diagnóstico nutricional
		Intervenção nutricional
		Segurança Alimentar e Nutricional e Ciência dos Alimentos
UFLA	Nutrição e saúde	Alimentação e Nutrição Humana
		Nutrição Básica e Metabolismo
UFMT	Biodiências	Alimentos e metabolismo
		Clínica e epidemiologia aplicada à nutrição
UFMG	Nutrição e saúde	Nutrição clínica e experimental
		Nutrição e saúde pública
UFOP	Saúde e nutrição	Bioquímica e Fisiopatologia da Nutrição
		Nutrição em Saúde Coletiva
UFPEL	Nutrição e alimentos	Análise e Controle de Qualidade de Alimentos
		Nutrição Básica e Experimental
		Clínica e Epidemiologia Nutricional
UFPE	Nutrição	Nutrição em Saúde Pública
		Ciência dos Alimentos
	Nutrição, atividade física e plasticidade fenotípica	Bases Experimentais da Nutrição
		Mecanismos biológicos da plasticidade fenotípica Estado nutricional e risco de doenças não-comunicáveis Nutrição e Atividade física no desenvolvimento
UFSC	Nutrição	Diagnóstico e Intervenção Nutricional em Coletividades
		Estudo Dietético e Bioquímico relacionado com o estado nutricional
		Nutrição em produção de refeições e comportamento alimentar

Instituição	Programa de Pós-graduação	Linha de pesquisa
UNIFESP	Nutrição	Bioquímica e Fisiologia da Nutrição Nutrição em Especialidades Clínicas Qualidade e Composição de Alimentos Saúde e Nutrição em Grupos Populacionais Específicos
	Alimentos, nutrição e saúde	Epidemiologia nutricional, saúde urbana, processos socioculturais e políticas públicas Ciência de Alimentos e Saúde Nutrição Clínica e Experimental
UFV	Ciência da nutrição	Saúde e Nutrição de Grupos Populacionais Valor Nutricional, Funcional e Controle de Qualidade de Alimentos e de Dietas
UFES	Nutrição e saúde	Adaptações bioquímicas e fisiológicas em modelos de intervenção nutricional Diagnóstico e intervenção em nutrição e saúde Qualidade e inovação em alimentos
UFPR	Alimentação e Nutrição	Diagnóstico e intervenção nutricional do indivíduo e de coletividade Qualidade dos alimentos e nutrição
UFRJ	Nutrição	Bioquímica nutricional Ciência e Tecnologia de Alimentos Epidemiologia nutricional Micronutrientes
	Nutrição clínica	Alimentos e Prod. Nutricionais c/ Aplicação em Nutrição Clínica Processos e Protocolos em Nutrição Clínica
UFRN	Nutrição	Qualidade de alimentos Diagnóstico e intervenção nutricional
UFRGS	Alimentação, nutrição e saúde	Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva Nutrição clínica
UFF	Ciências da Nutrição	Vigilância em Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional Alimentos: do experimento ao uso clínico Avaliação Nutricional e Metabolismo

Quadro 1. Programas de pós-graduação *strictu sensu* pertencentes à área Nutrição e respectivas linhas de pesquisa, Brasil, 2018.

5 | PRESENÇA NOS GRUPOS DE PESQUISA

A partir dos critérios estabelecidos foi possível identificar grupos de pesquisa que se propõem a tratar da Alimentação de Coletividades, uma vez que isso era indicado no próprio nome do grupo ou pelo menos em uma das linhas de pesquisa do grupo. Entre 2000 e 2017 houve expressivo aumento no número desses grupos, embora concentrado nas regiões Sudeste e Sul do país. A Figura 1 apresenta a evolução temporal do número de grupos.

Observou-se também maior número de grupos na base corrente em 2013 (38 grupos) e 2017 (68 grupos diferentes), o que significa aumento de 57% em relação a 2010. Entre os 68 grupos identificados em 2017, 65% referiu pertencer à área Nutrição, conforme a Tabela das Áreas do Conhecimento do CNPq. Nota-se ainda que 57% dos grupos identificados foram criados após 2010.

O crescimento do número de grupos pode ser sinal de que tem havido um movimento dos agentes do núcleo no sentido de se capitalizar, buscando sua inserção no espaço privilegiado da pesquisa no Brasil, ou seja, a pós-graduação.

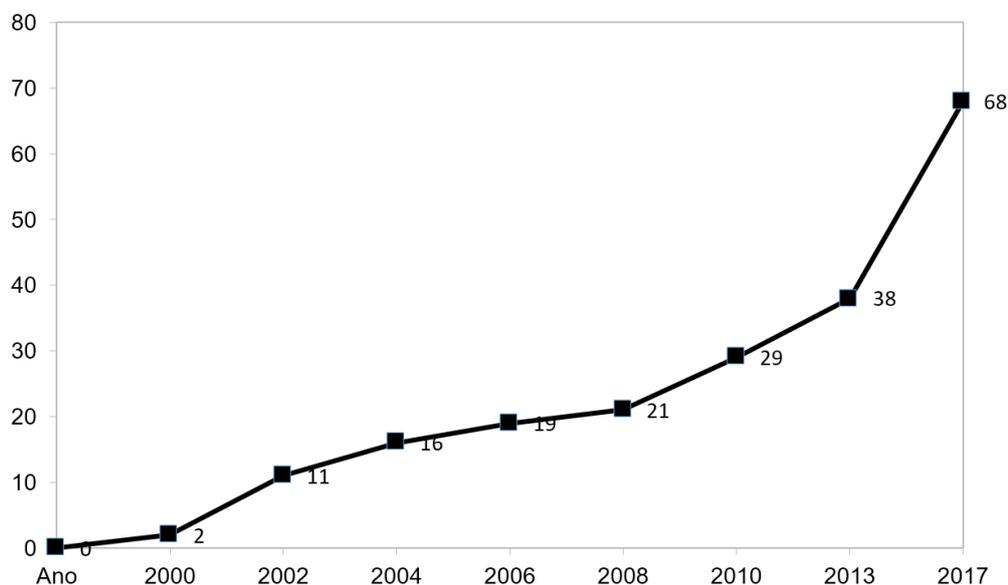


Figura 1. Evolução temporal dos grupos de pesquisa que possuem investigações no núcleo da Alimentação de Coletividades

6 | PROBLEMATIZANDO OS ACHADOS

Além das discussões anteriormente abordadas, os resultados do presente levantamento também nos permite expor outras reflexões. Uma delas diz respeito ao fato de que o prestígio ou desprestígio científico dos agentes no campo é algo discutível, já que é medido a partir de regras que são objeto de disputa. É interessante notar que, embora possam parecer consensuais, os critérios estabelecidos no campo para o reconhecimento de pesquisadores como legítimos produtores de conhecimento, na verdade, são estabelecidos a partir de disputas no campo. Retomando Bourdieu, Hochman (1994, p. 211) nos lembra que:

Mesmo as regras desse jogo, válidas igualmente para todos, estão definidas – como expressão de conflitos anteriores – pela autoridade científica estabelecida, que tenderá a se reproduzir e a acumular capital científico, mantendo seu lugar dominante no campo. A definição do que está em disputa no campo também faz parte da luta científica.

Deste modo, as regras e critérios não só não são consensuais, como tendem a favorecer aqueles que já se encontram na posição de dominantes, sendo impostos aos demais. Mas ainda que sejam impostas, as regras acabam sendo internalizadas e naturalizadas, o que faz com que os dominados se percebam em posição inferior (BOURDIEU, 2003). Ou seja, quando falamos no processo de imposição de regras, não nos referimos a algo no sentido externo, repressivo, pelo contrário, trata-se da internalização de modelos discursivos e práticas, que passam a ser aceitos quase como óbvios (LENOIR, 2004).

Assim, guardadas as devidas diferenças, podemos fazer um paralelo com alguns aspectos levantados por Howard Becker em sua obra “Outsiders”, quando trata da interiorização de regras (BECKER, 2008). O modelo atual de produção do

conhecimento científico e de organização das universidades reforça a ideia de que os docentes que não se inserem na pesquisa devem ser menos valorizados. Haveria quase um imperativo moral para que o docente desenvolva pesquisas, já que de outra forma, ele pode acabar sendo visto como improdutivo.

Esses critérios acabam influenciando também a própria concepção de sucesso no meio acadêmico, partilhada pelo grupo, já que define o que é preciso para alcançar as maiores recompensas e chegar a posições desejáveis (BECKER, 2008). Nesse sentido, pode-se ponderar que fora da esfera científica estrita, o núcleo da Alimentação de Coletividades pode ocupar um lugar relevante, como, por exemplo, no atendimento às demandas institucionais das universidades públicas em relação à alimentação de sua própria comunidade. Contudo, frente à reorientação que se observa na organização dessas mesmas universidades, norteadas pelo processo de mercantilização da educação superior, o cumprimento desse papel institucional pode não ser avaliado como suficiente. Isso porque ele pode não garantir as mesmas recompensas (materiais e simbólicas) atribuídas à pesquisa, sobretudo se consideramos o modelo geral de avaliação vigente nas universidades, pautado pela ideia de produtividade.

Outra reflexão refere-se ao fato de que se o núcleo da Alimentação de Coletividades encontra-se em posição desprivilegiada em relação a outros núcleos do campo da *Alimentação e Nutrição*, seria plausível considerar que a ampliação da sua participação na pesquisa científica poderia ser uma estratégia para ascender a melhores posições. Contudo, em relação a essa lógica cabe um questionamento: o que se ganha e o que se perde com a valorização da pesquisa científica?

A própria pergunta já serve para nos lembrar que a importância dada à pesquisa não pode ser encarada como neutra e necessariamente positiva. Isso porque, de certa maneira, na pergunta está embutida parte da discussão que estamos procurando desenvolver, a fim de relativizar as regras aplicadas no campo na hierarquização de pesquisadores, PPG, instituições e núcleos de saberes e práticas. O fato do núcleo em tela ter uma prática de pesquisa ainda limitada, não necessariamente o desqualifica. A qualificação ou julgamento, nesse caso, é feita a partir da valorização de determinado elemento em detrimento de outro ou outros e a definição desses elementos é feita a partir da perspectiva dominante, numa espécie de consenso compulsório, imposto. Ou seja, o valor da pesquisa no campo não deve ser encarado como natural, mas como uma medida resultante de um jogo de forças.

Uma vez entendido esses aspectos que estão embutidos na pergunta que fizemos, torna-se necessário, então, redimensionar o problema da pequena inserção da Alimentação de Coletividades nos PPG da área de Nutrição. Por um lado, a participação mais efetiva da Alimentação de Coletividades nos programas é importante para a produção de conhecimentos e o desenvolvimento de tecnologias que permitam estabelecer práticas socialmente mais justas e ambientalmente mais sustentáveis na produção de refeições. Além disso, é importante também quando se considera a necessidade de formação docente e de profissionais para atuar na formulação de

políticas e programas públicos que de algum modo envolvam a produção e distribuição de refeições, como o Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT) ou no assessoramento técnico de órgãos como, por exemplo, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

Mas por outro lado não podemos nos furtar à análise de que no espaço de trabalho tradicionalmente ocupado pela Alimentação de Coletividades, a saber, a gerência das Unidades de Alimentação e Nutrição, a pós-graduação *stricto sensu* costuma ser pouco valorizada. Essa última afirmativa está menos alicerçada em resultados de estudos, que em nossa própria experiência e conhecimento sobre o mercado de trabalho. Ainda assim, podemos citar a pesquisa de Souza (2014), que se baseou em uma amostra de 149 nutricionistas que realizaram o mestrado em PPG em Nutrição, entre 2000 e 2010. Nesta amostra quatro nutricionistas relataram estar profissionalmente inseridos na Alimentação de Coletividades antes de realizar o mestrado e apenas um permaneceu com essa inserção após o mestrado. Apesar do limite desse resultado, ele nos dá indícios de que na Alimentação de Coletividades, a demanda por mestrados e doutorados, atualmente disponíveis na área de Nutrição, pode não ser tão ampla fora das instituições de ensino superior. Ou seja, ao pensar a inserção do núcleo na pós-graduação, vale a pena refletir sobre a formação não apenas daqueles que se destinam à carreira acadêmica, mas também a pertinência de uma formação avançada para aqueles que se encontram no mercado de trabalho em Alimentação de Coletividades. Se essa formação é pertinente vale refletir sobre que parâmetros ela poderia ser moldada para ser mais proveitosa.

Ponderando as possibilidades de inserção da Alimentação de Coletividades na pós-graduação, um outro ponto ainda pode ser levantado, ao considerar o cenário científico brasileiro. Se a expectativa dos docentes do núcleo é ampliar sua inserção na pesquisa, a fim de se capitalizar, será necessário se dispor a lidar com as dificuldades que docentes de outros núcleos e outros campos vêm enfrentando e que foram esboçadas anteriormente neste trabalho, quando tratamos das condições atuais de pesquisa no Brasil.

Um exemplo dessas dificuldades que precisarão ser enfrentadas repousa nas próprias exigências da Capes, que entre outras coisas, reforçam um modelo que valoriza a publicação dos resultados das pesquisas em revistas internacionais. Chamamos a atenção para esta questão específica, porque pode ter um impacto apreciável no núcleo da *Alimentação de Coletividades*, considerando: (a) o peso que as publicações vêm recebendo nas avaliações de docentes e PPG e (b) o fato de que a produção científica do núcleo tende a responder os interesses locais.

Não há respostas prontas para os questionamentos e ponderações ora colocados. Nosso propósito foi expor as inquietações que surgiram à medida que os resultados encontrados foram sendo problematizados.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo não foi compreender as razões que levaram à limitada participação do núcleo da Alimentação de Coletividades junto na pós-graduação *stricto sensu* e conseqüentemente na pesquisa a ela vinculada. No entanto, a partir da sua constatação podemos impulsionar a discussão em termos profissionais, sobre a questão.

No espaço de confronto necessário de duas espécies de capital científico, pode-se presumir que o núcleo ora em tela detém um capital específico oriundo da valorização da experiência profissional e o status advindo dessa experiência e ocupa uma posição de dominado sob a perspectiva de seu capital social, que se relaciona ao seu escasso prestígio quando se trata de pesquisa e formação pós-graduada. Quer dizer que, nesse campo científico, é preciso fazer progredir as condições práticas de autonomia para fazer progredir a cientificidade.

Se por um lado, os resultados do presente levantamento colocam a limitada inserção do núcleo de saberes e práticas da Alimentação de Coletividades na pós-graduação *stricto sensu*, por outro, o crescimento no número de grupos de pesquisa que se ocupam desse objeto dá sinal de que tem havido investimento dos agentes desse núcleo justamente na pesquisa.

O que nos leva a afirmar que há uma busca por esse reconhecimento (ou capital científico) orientando as práticas e estratégias dos pesquisadores no núcleo de Alimentação de Coletividades, vislumbrando a necessidade e a possibilidade de alavancar a pesquisa, para garantir a competitividade no campo. Esse interesse na pesquisa reflete uma procura por legitimidade, que nesse caso estaria na ciência.

Ponderamos que esse movimento de parte desses agentes na tentativa por superar essa situação se faz num jogo social em que as regras são impostas a partir do resultado de disputas anteriores, não devendo, portanto, ser entendidas como algo dado, natural, mas como uma medida resultante de um jogo de forças. Ou seja, a análise da tímida participação do núcleo na pesquisa, precisou ser calibrada com a noção de que a valorização de determinado elemento em detrimento de outro é feita a partir da perspectiva dominante e, portanto, a qualificação ou desqualificação é resultante desse jogo de forças.

Em suma, esse fenômeno de desigualdade no acesso à produção do conhecimento no modelo que repousa a produção científica e organização das universidades no país se dá mediante relações de força material e simbólica existentes e que devem ser discutidos para entender o que faz existir as diferenças, as hierarquias, em vez de legitimá-las.

REFERÊNCIAS

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 232 p. Original de 1963.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

_____. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 160 p.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. CAMARGO JR., K. R. Produção científica: avaliação da qualidade ou. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 9, p. 1707-1730, set 2013.

CAMPOS, G. W. S. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 219-230, 2000.

CAMPOS, Flávia Milagres et al . Scenario of research on Food Service in Brazil. **Rev. Nutr.**, Campinas , v. 30, n. 1, p. 1-12, Feb. 2017 .

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-graduação 2011-2020**. Brasília, DF: CAPES, v. I, 2010.

CASTIEL, D.; SANZ-VALERO, J. Entre fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 12, p. 3041-3050, dez. 2007.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 5-15, set./dez. 2003.

CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil**, 2018. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/o-que-e/>>. Acesso em: 06 agosto 2018.

CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil**, 2017. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/>>. Acesso em: 06 novembro 2017.

HOCHMAN, G. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, V. **Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. p. 199-232. online.

KAC, G.; PROENÇA, R. P. C.; PRADO, S. D. A criação da área “nutrição” na Capes. **Revista de Nutrição**, v. 24, n. 6, p. 905-916, nov./dez. 2011.

LENOIR, T. A disciplina da natureza e a natureza das disciplinas. In: LENOIR, T. **Instituindo a ciência: a produção cultural das disciplinas científicas**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004. p. 62-98.

LOVISOLO, H. R. Gestão de revistas: algumas considerações e sugestões para o debate. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 36, n. 4, p. 708-714, dez. 2014.

LUZ, M. T. Prometeu acorrentado: análise sociológica da categoria produtividade e as condições atuais da vida acadêmica. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 39-57, jun. 2005.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 116 p.

SANTOS, C. M. Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil. **Educação e Sociedade**,

Campinas, v. 24, n. 83, p. 627-641, Aug. 2003.

OLIVEIRA, M. B. A avaliação neoliberal na universidade e a responsabilidade social dos pesquisadores. **Scientiae studia**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 379-87, jul./set. 2008.

SOUZA, L. K. C. S. **“Eu queria aprender a ser docente.”**: sobre a formação de mestres nos Programas de Pós-Graduação do campo da Alimentação e Nutrição no Brasil. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Nutrição. Rio de Janeiro, p. 165. 2014. Dissertação (Mestrado em Alimentação Nutrição e Saúde).

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-94-9



9 788585 107949